

cimento territorial, mas no entanto vae reforçando o seu imperialismo. O problema da burguesia americana pode definir-se assim: enfranquecer o imperialismo dos dois campos da Europa, para que do capitalismo europeu herde o capitalismo americano. E é curioso assistir à discussão disfarçada, mas clara e firme, entre os governos aliados, fazendo-se incríveis habilidades na tradução e adaptação dos textos e fórmulas de Wilson...

A propósito das aludidas variações, desejaríamos poder reproduzir na integra um artigo de Merrheim (*La Vérité*, 12 de Janeiro). Reclamando do governo francês que fale emfim claramente, Merrheim refere-se à publicação, feita por Trotski, dos documentos secretos encontrados nos arquivos do ministério dos estrangeiros em Petrogrado:

«Esses documentos, de que só em parte tivemos conhecimento, mas que os russos, os neutros e as potências centreas conhecem integralmente, puseram ao sol os projectos imperialistas que os governos aliados tinham elaborado no segredo das chancelarias, ocultando-os cuidadosamente aos seus povos. Coisas velhas, tiveram ordem de dizer os jornalistas officiosos, e que toda a gente conhecia. É possível que as conhecessem alguns iniciados: os que as combinavam e os que as aprovavam. Um dia, uns e outros terão que prestar contas disso. Mas dissimulavam-nas cuidadosamente ao povo francês e até, segundo parece, aos seus próprios aliados. Há quinze dias, o ministro britânico dos estrangeiros, Balfour, declarava ter ignorado as negociações relativas à margem esquerda do Reno, realisadas entre o Sr. Doumergue, em nome da República francesa, e o tzar Nicolau II.»

E Longuet já tinha dito no *Pays* (3 de Janeiro): «Algumas semanas depois (da desastrosa Declaração dos fins de guerra dos Aliados dos começos de 1917)... os nossos governantes mandavam o Sr. Doumergue à Rússia para as detestáveis negociações sobre a margem esquerda do Reno. Essas negociações já nós as conhecíamos desde o dia em que Kerenski e Tereschenko as

revelaram a Cachin, Moutet e Lafont.

E do seu lado um jornal italiano (*L'Avvenire del Lavoratore*): «Agora que os maximalistas russos voltaram as cartas e publicaram os tratados secretos, sabemos que a Itália interveio na guerra com as seguintes condições: receber Trento e a sua região, Trieste com o seu interior, a Dalmácia com todas as ilhas dálmatas, habitadas por eslavos, as ilhas do Dodecaneso, pertencentes á Grécia, Adália com o interior na Ásia Menor, actualmente parte integrante da Turquia Asiática, o direito de alargar a possessão da Eritreia e da Somália, (ler: nova guerra com a Abissínia), e retoques nos confins da Cirenaica para os lados do Egipto e da Tripolitânia para as bandas da Tunisia. Agora, sim, que podemos estar seguros de que a Itália interveio na guerra para libertar os irmãos escravos e os pequenos povos...»

Dentes e apetite não faltam...

A intervenção do Brasil na guerra

A ALIANÇA ANARQUISTA AO POVO

Documentos (a)

Expondo estas considerações sobre a realidade dos factos, nenhuma ilusão acalentamos quanto à possibilidade de que elas cheguem a substituir a exaltação dominante no povo, incapaz, no momento, de qualquer reflexão.

A reflexão virá depois, determinada pelos acontecimentos, e, embora muitos hoje nos chamem loucos, sonhadores, bandidos mesmo, que é preciso exterminar, ou de vendidos aos teutonicos, amanhã estarão seguramente do nosso lado.

Reafirmamos, portanto, a nossa aversão a uma guerra que é de povos, porque são os povos que a fazem, mas que não é em parte nenhuma empreendida no interesse do povo, nem para o povo.

Tôdas as invocações feitas pelos be-

(a) Continuado do número anterior.

ligerantes à justiça, à fraternidade e ao direito para se justificarem, não nos comovem nem abalam, pois sabemos que pretextos tão simpáticos ocultam toda a avidez política e económica dos Estados e das classes privilegiadas.

Se esta guerra fosse a guerra dum povo que quer libertar-se e libertar, nós saberíamos, sem espalhafatosos gestos, tomar na luta o nosso lugar. Mas recusamo-nos intervir numa contenda onde o nosso papel seria o de simples instrumento de morticínio. Como a maioria, suportaremos as penosas consequências d'este conflito, mas é certo que o nosso assentimento a elle, nem pela violência poderá ser obtido.

E isto não porque tenhamos simpatias especiais por esta ou aquela nação, mas porque, amanhã, quando tivermos de reedificar o que foi destruído e recomeçar a luta para a frente, reactivar a marcha da humanidade para o reinado da paz, dum paz nem teutónica nem latina, mas a paz no trabalho e na justiça para todos — amanhã, terminada a chacina monstruosa, passado o vendaval de loucura sanguinária que desabou sobre os homens e estes, do alto das ruínas fumegantes, contemplarem a obra de devastação e de morte, perguntando-se, enfim, porque e para que se bateram, — nós, anarquistas, queremos estender-lhes a nossa mão limpa de sangue e dizer-lhes, qualquer que seja a sua raça ou a pátria em que tiverem nascido: Irmãos, a guerra maldita levou consigo homens e coisas respeitáveis, sacrificou inocentes, devastou os campos, arrasou cidades, e o luto e o pranto enchem a superfície da terra. Mas a vida é continua e continuamente ella reffloresce. Recomeçamos, pois, a luta, mas recomeçamo-la eliminando as causas que nos levaram ao fratricídio.

Nós, os anarquistas, sabemos bem que a nossa opposição à guerra, neste momento, tem apenas o valor dum gesto, dum attitude, e nada mais. Mas a nossa abstenção à guerra dos outros não deve nem nos pode fazer esquecer a nossa própria guerra, a única necessária e honesta, a única urgente e inadiável, pois que tende à realização

duma ordem de coisas em que os homens não precisarão, como hoje, bater-se e matar-se entre si, ou seja na defesa dum pátria que ninguém atacará ou na conquista desse pedaço de pão, que será facil e abundante.

É isto utopia? Seja, muito embora. Sabemos ao menos porque lutamos, sabemos que a causa que defendemos é a nossa própria causa. Não será a avidez de banqueiros, sejam estes de Francfort, Londres ou Nova York, que nos levará à luta com irmãos nossos, que não conhecemos, mas cuja solidariedade sentimos através de continentes e fronteiras.

Nós, os anarquistas, reaffirmamos a nossa fé na fraternidade universal, fraternidade cuja realização, na terra, só será possível quando todos os governos forem abolidos, a propriedade patrimonial comum de todos os homens e no mundo houver uma só e única religião: — a do trabalho.

Eis aí quanto nos importava dizer. E como é possível que mais dia, menos dia, a nossa voz seja abafada e os que nisso tenham interesse, nos atribuam intenções que nunca tivemos ou palavras que jámais proferimos, aí fica a genuína expressão do nosso sentir e o nosso pensamento e acção claramente definidos.

Continuaremos a nossa propaganda e a nossa obra de redenção, continuaremos na defesa dos desertados.

Porventura a trégua dos partidos, a união fraternal entre nacionais e aliados impede aos açambarcadores das farinhas, aos trustistas, aos monopolizadores de continuar a obra scelerada de matar o povo a fome?

Não podemos levantar-nos em defesa dum pátria que não temos. Mas no dia em que, num recanto qualquer do globo, aqui ou além, existir uma pátria que seja de todos, e de todos as riquezas lá existentes, uma pátria regida pela solidariedade e pela justiça, onde não seja possível a coexistência dos que trabalham e morrem à mingua e dos que se locupletam sem nada fazer, nesse dia e nesse lugar do globo nós, os anarquistas, teremos também a nossa

pátria pela qual saberemos lutar e saberemos morrer. E se a fortuna quiser que esse ponto da terra, esse rincão precioso seja o Brasil, será nesse dia o Brasil a nossa pátria e por ele ardentemente nos bateremos.

Hoje não. Nesta hora, recusamos a nossa intervenção na luta, luta que é travada no interesse dos que se apoiaram do Brasil e dele fizeram fazenda própria e no interesse dos capitalistas e industriais estrangeiros que sugam até à última gota o sangue do povo brasileiro e o arrastam à guerra para melhor o extorquir.

Que fique, porém, bem clara e definida a nossa atitude. No nosso gesto, que consideramos lógico, honesto, coerente, preciso, não há e não pode haver solidariedade com os corsários do mar, que esqueceram e reduziram a nada todos os princípios da humanidade e que eram desde muito conquistas gloriosas da civilização, mas uma espécie de corsários, por mais criminosos e ferozes, não nos pode levar à solidariedade com outra espécie não menos perigosa e cruel.

E a culpa disso não é nossa.

E agora duas palavras aos nossos companheiros do Brasil.

Aconteça o que aconteça, não devemos esmorecer, nem deixar-nos arrastar no vendaval que parece ameaçar a integridade e solidez da nossa construção doutrinária. Se há quem proclame a falência do nosso ideal e de todas as aspirações que o personificam, a verdade é que esta guerra traduz a derrocada de todas as doutrinas burguesas, morais, religiosas, sociais.

Uma sociedade humana que se vangloria das suas instituições civis, que proclama a excelência da sua religião de paz, fraternidade e amor, e que, não obstante, é impotente para impedir as guerras e os conflitos entre os homens, que ela aceita como fatalidades necessárias, é uma sociedade de ante-mão condenada a desaparecer, vítima da sua própria incapacidade e dos crimes e desvarios que esta incapacidade gera.

Os nossos ideais permanecem felizmente, acima do grande desastre. Ne-

numa responsabilidade lhes cabe no cataclismo que, a todo o transe, buscarem impedir.

Conservemo-nos, portanto, fieis a eles, mantendo aceso e vivo o fogo sagrado da justiça social, da fraternidade entre os homens, os quais amando o trabalho e a harmonia, não querem e não pretendem que no seu seio coexistam, como até aqui, escravos e senhores.

O nosso dia virá.

As greves em PORTUGAL

Segundo as nossas notas, durante o mês de Fevereiro declararam-se em Portugal as seguintes greves:

Dos Pessoal da Exploração do Pôrto de Lisboa, para aumento de salário. Terminada com vitória para os grevistas.

Dos Operários Calceteiros e da Abegoaria Municipal, de Setúbal, para aumento de salário.

Dos Empregados da Companhia Carris de Ferro, em Lisboa, para aumento de salário. Terminada com vitória para os empregados.

Dos Operários e Empregados das Companhias Reunidas Gás e Electricidade, em Lisboa, para aumento de salário. Terminada com vitória parcial para as mulheres e menores, e total para os operários e empregados.

Dos Condutores de Carroças, em Lisboa, para aumento de salário. Parcialmente solucionada com vantagens para os grevistas.

Dos Operários Metalúrgicos da casa Street & C^ª, em Lisboa, para aumento de salário. Terminada com vitória parcial.

Dos Operários Metalúrgicos da casa A. G. Militão, em Lisboa, para aumento de salário. Terminada com vitória para os grevistas.

De Carregadores e Descarregadores de pinho, em Lisboa, para aumento de salário.

De Mecânicos de Açúcar (Refinadores), da Companhia Colonial, em Lisboa, para aumento de salário e outras melhorias. Terminada com vitória para os grevistas.

Dos Operários Cervejeiros, em Lisboa, para aumento de salário.

De Engomadeiras, em Lisboa, umas 400, para aumento de 50 por cento no preço de mão de obra.

De Carpinteiros de Machado (navais), em Lisboa, para aumento de salário.

De Chaffeurs, no Pôrto, contra uma ordem arbitrária do governador civil. Terminada com vitória para os grevistas.

De Tanoeiros da Companhia Geral de Agricultura de Vinhos do Alto Douro, para aumento de salário.